

DN QUIXOTE

de Angelo Agostini.
Largo da Carioca Nº 4 (Sobrado)



Os juizes... ou antes, O juizo no Supremo Tribunal.
— Eu não posso absolutamente ser insultado assim, ineptamente. Eu sou homem para
v. Ex. em qualquer terreno
— Se eu não estivesse aqui, mandal-o-ia a a...

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.

SANTOS DUMONT

Nova experiencia veio renovar o triumpho de Santos Dumont.

A multidão, que de todos os paizes correu a Nice para assistir as experiencias annunciadas, viu recompensado o seu trabalho e expectativa com o espectáculo incomparavel de terça-feira ultima, em que o esforçado brasileiro evoluiu sobre a bella cidade, rapida e facilmente, vencendo sem difficuldades o vento contrario.

O tempo era bom e uma grande multidão desde as primeiras horas da manhã rodeava o alpendre onde estava prompto para sahir a navegar os ares o oitavo aerostado do grande e interpedido aeronauta.

Quando appareceu, Santos Dumont foi saudado com uma grande salva de palmas.

O balão começou a elevar-se garbosamente ás 8 horas da manhã; novos applausos da multidão, nova manifestação de enthusiasmo: em um momento dado, o aeronauta fez um signal com a bandeirinha e o balão subiu rapidamente a cem metros de altura onde ficou estacionario por alguns minutos, ao cabo das quaes começou, fazer evoluções com uma rapidez de movimento e com uma facilidade maravilhosa. Atravesou em seguida a bahia até Ville de Flandres virou á direita, e depois á esquerda, descrevendo assim uma grande curva em forma de um S.

Nestes movimentos o aeronauta levou apenas meia hora, e quando, apesar do vento contrario, singrando o ar em todas as direcções sem o menor accidente, a machina poderosa deu prova de resistencia mais que sufficiente, Santos Dumont repetiu o signal de subida e desceu lentamente.

Uma ovação imponente, immensa, na qual tomaram parte mais de dez mil pessoas o saudou longamente, enthuasticamente.

O NOSSO CAFÉ

Apareceu ha tres dias nos «Apedido» do *Jornal do Commercio* um artigo muito interessante, que destoava flagantemente do genero que nessa secção de ordinario se encontra denunciava o seguinte: os consumidores de café nos Estados Unidos pagam pelos cafés da America Central tres vezes mais que pelo café do Brazil; os vendedores de caté a retalho nos Estados Unidos, que são os compradores e exportadores do nosso café, vende-n'o como sendo da America Central, para beneficiar dessa differença de preço, que é tanto maior quanto mais aviltado é o preço que elles aqui pagam ao productor.

De julho de 1897 a junho de 1898 os Estados Unidos compraram ao mundo 870.544.555 libras de café, pagando por ellas 65.067.631 dollars. A' Venezuela, Mexico, Columbia, Guatemala, etc., compraram elles 162.914.724 libras de café, pelas quas pagaram 17.500.156 dollars.

Ao Brazil compraram 661.009.272 libras de café pelas quaes pagaram apenas 41.119.902 dollars.

D'ahi se conclue que, como nos Estados Unidos o que se chama «Café do Brazil» é tudo o que ha de mais ordinario, só consumido por miseraveis, aquella porção de café procedente do Brazil foi vendida como procedente da America Central pelos preços tres vezes superiores que o publico paga por esses cafés.

A consequencia desse facto é que o foi Brazil extremamente lesado, pois que, si aquelles 661 milhões de libras de de café tivessem sido pagos ao productor brasileiro na proporção pela qual foram vendidos ao consumidor americano, em vez de terem produsido 40 1/2 milhões de dollars, teriam rendido 70 1/2 milhões de dollars.

A especulação exercida por duas ou tres casas commerciaes, que são aqui compradoras e nos Estados Unidos torradoras de café, locupletou-se, pois com o beneficio liquido, nunca menor de 30 milhões de dollars.

Por essa forma são lesados os produtores de café no Brazil, os Estados que vivem do direito de exportação cobrado *ad valorem* e a União, que vê burlado o esforço para augmento da exportação, cujo valor em ouro não se augmenta apesar da sua maior quantidade. Denunciar este facto, facilmente verificado, é collocar desde logo o governo na contingencia de empregar todos os esforços para eliminá-lo.

O encantador *Pangloss* da *Tribuna* apreciou o caso com a costumada clareza dizendo:

«A campanha, que vem sendo travada desde algum tempo, para melhorar as condições da lavoura do café deu como resultado consignaço de uma verba de t e zentos contos para propaganda do café na Europa e augmento de seu consumo.

Quero crer, porém, que, agindo assim, o governo quiz apenas dar provas do seu respeito a uma resolução do Congresso, porquanto ninguem que estuda estes assumptos acredita nos effeitos praticos dessa propaganda nos paizes da Europa.

Agora, conhecida a situação do commercio desse producto nos Estados Unidos, ainda mais inutil nos parece a propaganda no Europa: essa visa abrir novos mercados, augmentar o consumo, quando evidentemente o que nós estamos precisando é impedir que os intermediarios da

venda do café nos Estados Unidos ganhem tanto quanto pagam aos productores do nosso café, difamando-o e vendendo-o com os nomes de outras que elles valorisaram.

A Republica Argentina envia ao estrangeiro os seus homens mais competentes a fazerem a propaganda em geral de suas excellencias. Agora mesmo está na Italia o conhecido e illustre jornalista Sr. Alberto Martinez, empregado nessa tarefa.

Si ao principal genero de producção se applicasse o processo de mystificação lesiva que o nosso café sofre, ella certamente não teria hesitação em despende alguns milhares de pesos, para dar-lhe, com publicidade mais ampla, o combate necessario sinão imprescindivel.

O governo federal dispõe d'essa verba de trezentos contos para a propaganda do café; empregue a nisso e provavelmente colherá resultados muito mais valiosos do que o que se póde esperar de exposições mesquinhas e inefficazes no *Café de La Paix*.

OS TRUSTS

O governo que não se podia manter indifferente ante a ameaça que os *trusts* constituem para o publico, resolveu intervir pedindo ao Congresso que dê ao poder executivo recursos para combater esses syndicatos monopolisadores.

Temos immensa satisfação com isso. E' preciso sem tardar dar golpe de morte a esse novo mal que se abateu sobre nós e que tanto tem prejudicado a colossal república yankee.

O benemerito patriota, o presidente Roosevelt prepara-se para guerrear nos Estados Unidos esse feudalismo industrial e commercial, que já tomou proporções formidaveis.

Aqui onde apenas começa esse flagello de novo genero será mais facil vencel-o porque vivendo a industria nacional da protecção do governo é bem facil retirala e deixar que as fabricas estrangeiras concorram livremente ao mercado do Brazil.

O *trust* da cerveja que os jornaes continuam a discutir procura defender-se com explicações e sophismas affirmando que, antes do monopolio, a duzia de garrafas de cerveja Teutonia custava 10\$, enquanto

que presentemente custa apenas 9\$000. E' exacto. Mas o que se esqueceram de nos dizer, porque isso não convinha, é que o preço de 10\$ vigorava para uma até quatro duzias; mas que esse preço ia diminuindo a medida que augmentava o numero de duzias, sendo que para 20 duzias vigorava o preço de 8\$400 por cada uma. Emquanto que agora, compre-se uma duzia ou cem, o preço é sempre o mesmo.

Ha mais ainda. Presentemente, o preço da Franziskaner Brau está equiparado ao da Teutonia; enquanto que, antigamente, aquella marca, era vendida por preço tambem mais baixo.

Cabem as mesmas observações ás marcas do S. Paulo. A Antartica e a Bavaria, cujo custo por duzia era, antes do monopolio, de 11\$, preço que diminuia segundo a importancia da compra feita, é hoje de 12\$000, seja qual for o numero de duzias.

Se são essas as taes vantagens que o monopolio veio trazer, então nós as dispensamos completamente e preferimos o regimen da livre concorrência.

Quanto á cerveja em barrys, se é exacto que vigora o preço de 80 réis por litro, como dantes, não o é menos que o negociante tinha antigamente um pequeno desconto sobre esse preço, enquanto que hoje não só esse desconto desapareceu, como o pagamento é agora feito á vista.

Não ha duvida que para o consumidor o preço do *chopp* não augmentou até aqui; mas quem nos diz que elle não augmentará á medida que os monopolisadores forem fazendo pressão sobre o commercio a varejo?

E ainda mais, é bom não esquecer que, depois do monopolio, não póde mais o consumidor beber em *chopp* senão de uma marca de cerveja, porque assim ficou combinado entre esses senhores. Affirmaram-nos até que a varias casas de bebidas foi feita a intimação de só venderem em *chopp*s serveja do syndicato, sob pena de não se lhes fornecer nenhuma das marcas que pertencem ao *trust*, e isto justamente para guerrear e submeter certa fabrica que está produzindo bôa cêrveja e que até agora se negou terminantemente a fazer parte do *trust*.

Vê-se portanto que, para defesa dos interesses do consumidor, ha urgencia em que os poderes competentes intervenham

para acabar com a intoleravel pressão. E o unico meio para chegar a esse resultado é justamente aquelle que já indicámos, isto é, auctorisar o governo a baixar os direitos sobre a cerveja estrangeira, até que o *trust* desapareça e volte a livre concorrência.

O director da fabrica Antartica escreveu, em tom de bravata, que, se não estivessemos contentes com os productos do *trust*, bebessemos cerveja estrangeira, e nós nos apressamos em acceitar o desafio. E' que elle estava sem duvida longe de suppor que o Congresso interviria e que não tardaria o dia em que, em vez de imporem, os monopolisadores seriam os primeiros a pedir misericordia.

BRIGA FEIA

Naquella amavel *Gazeta* sempre apparece cada uma que parece arranjada pelo Diabo!

Reinava a paz e tudo parecia ir muito bem no melhor dos mundos quando o Sr. Oliveira e Silva lembrou-se de abrir uma secção ultra-religiosissima explicando trechos dos Evangelho e pontos de doutrina.

Muito interessante, não acham?

Assim deitou elle columnas e columnas a discutir a immaculada Conceição, a santissima Trindade a infallibilidade do Papa e outros casos de interesse palpitante e urgente.

Ninguém se ralou: porque sempre foi costume da *Gazeta* fazer de seio de Abrahão, acolhendo em calma reservada as ideias e opiniões mais diversas e disparatadas.

Iam assim as cousas quando de repente, o Luiz de Castro, que não se emenda, e ha de morrer com a nevrose da discussão, o prurido de briga, que já o atirou contra toda a critica indigena, lembrou-se de mexer com o O. e S. que já escrevia pelos cotovellos sosinho. Imaginem o que não fará agora que tem quem lhe dê corda?

O primeiro embate foi terrivel e muito engraçado.

Estava o Oliveira só na liça e desandava a durindana da logica sobre a heresia, quando surgiu o Lulú na columna ao lado bradando que já bastava de insultos a Zola, que o propheta Exequiel era mais immoral do que o autor da *Bête*



Inayá, que elle julgava ter cahido no abysmo, achava-se segura a uma arvore, cujos galhos avançavam sobre a cascata.
Debalde a pobre india esforçou-se por alcançar o tronco. As suas forças já exaustas, não lh'o permittiam. A morte era inevitavel!



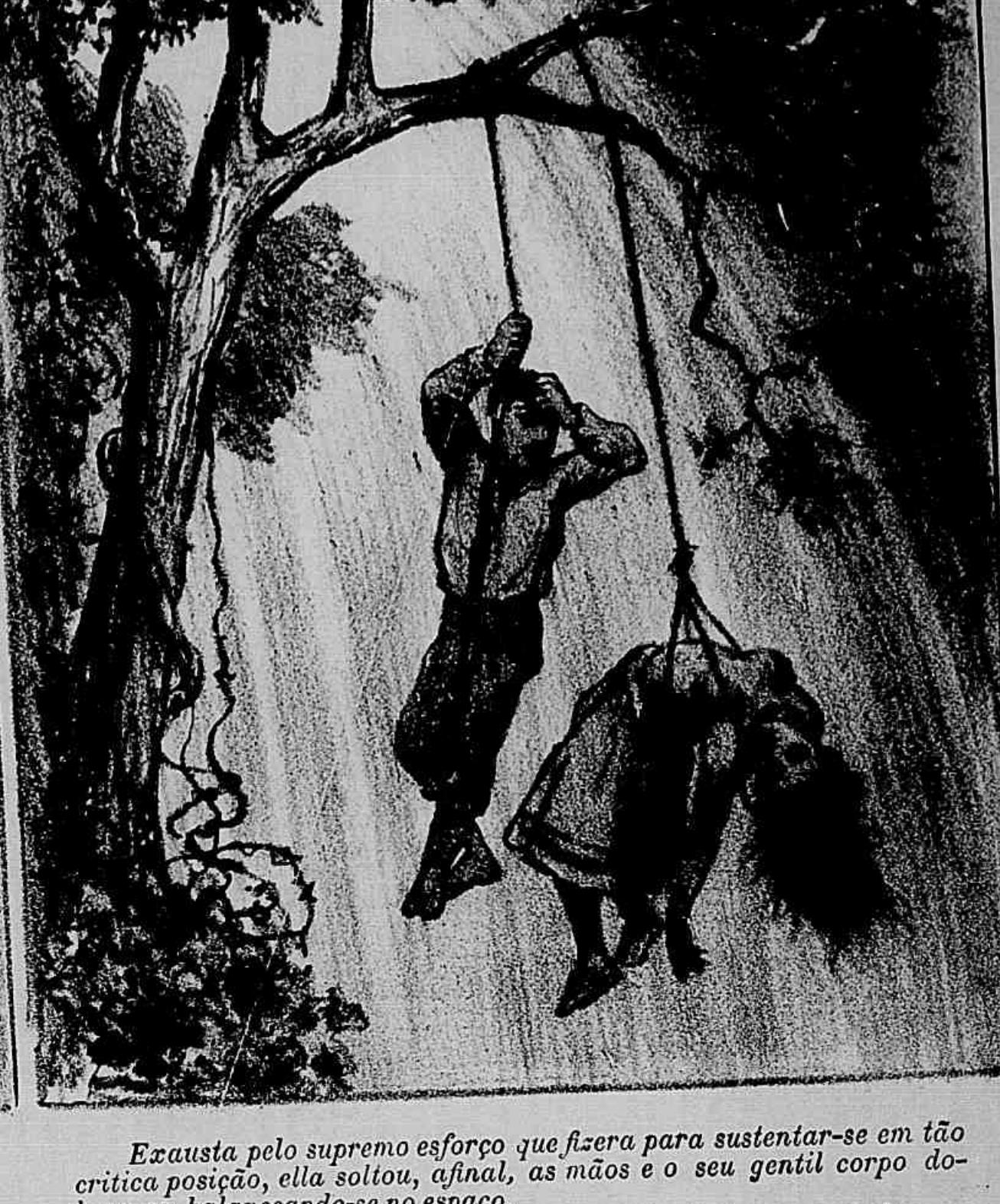
Quando ella estava prestes a cahir, ouviu o grito do Zé e criou animo.
— Coragem Inayá! dizia este, á medida que avançava sobre a arvore onde se achava a sua infeliz companheira.



Alcançando, afinal, o galho, onde se achava suspensa a pobre india, Zé amarrou fortemente a corda na parte superior do mesmo galho, deixando cahir as duas pontas que terminavam em laço.



Descer até junto a Inayá, foi obra de um instante. E nem havia tempo a perder, pois, apenas enlaçou-a, Zé comprehendeu que com mais um segundo só de demora ella estava irremediavelmente perdida.



Exausta pelo supremo esforço que fizera para sustentar-se em tão critica posição, ella soltou, afinal, as mãos e o seu gentil corpo dobrou-se, balanceando-se no espaço.
— Inayá! disse Zé; mas esta já não ouvia; tinha desmaiado.
Vendo a india inanimada e ambos suspensos sobre o medonho abysmo, ouvindo o ruído atroz e lugubre da cascata, Zé teve quasi uma vertigem; estremeceu e suores frios inundaram-lhe o rosto.



Sacudindo, afinal, o terror que se apossára d'elle e reunindo todas as suas forças, tentou subir, o que conseguiu a muito custo.



Uma vez encima do galho superior, tentou, mas debalde, puzar a si o corpo ainda inanimado da india.
Os bruscos solavancos, produzidos pelos esforços do Zé em suspendel-a, deram em resultado fazel-a voltar a si.



Comprehendendo, então, que podia salvar-se subindo pela corda, Inayá tentou um supremo esforço e conseguiu collocar-se sobre o galho.



Des minutos depois achavam-se ao pé da arvore, quasi exaustos, mas felizes por terem escapado a tão horrivel morte!



Quando dispuseram-se a deixar o terrivel logar, Zé viu Inayá ajoelhar-se á beira da cascata.
A filha do cacique, que não esquecerá as orações que os colonos lhe haviam ensinado quando criança, resava pela alma de seu pai.

(Continúa.)

Humaine e foi por ali, extranhando a intransigência do Oliveira, que como christão não devia fulminar com tão aspera violência os que são menos catholicissimos do que elle. Protestou, em summa, contra o lemma: Crê ou Morre.

Bocca que tal disseste.

O Oliveira veio no dia seguinte muito manso, mas occultando uma perfidia feroz sob aquella mansidão jesuitica.

E disse que se havia no mundo alguém que não pudesse condemnar a intransigência era Luiz de Castro, que defendia e pretendia impor Wagner com tanta violência e dureza como os mais fanaticos impunham a crença.

Se elle dizia *Crê ou Marre* o Luiz gritava *Admira ou és burro...*

Foi um successo!

Os apreciadores d'esses pratinhos regalaram-se e tambem nós nos divertimos immensamente.

Mas a cousa está apenas começando porque o Oliveira no primeiro artigo disse que apenas discuti o titulo do artigo Luiz de Castro reservando o resto para depois.

Imaguem!...

Emfim, ficamos de palanque...

E estamos com vontade de acceitar poules...

O PROBLEMA DA CARNE

Decididamente é eterna essa complicação de Carnes Verdes, que ainda esta semana continuou na mesma.

O mesmo escandalo, a mesma falta de criterio, os mesmos disparates dos outros dias.

Se houve novidade foi para peor.

Um promotorinho imperceptivel, invejando a barulhenta gloria do seu collega Godofredo Cunha, lembrou-se de denunciar a firma Salgado, Cardoso, Lemos.

Ora, essa!

Irra! que já são muitos a um... a uma carne.

E quem denunciara toda a justiça, todos os juizes seccionaes, pelos desmandos que tem havido com respeito ás carnes? A desorganisação do districto federal, a desmoralisação da palavra do Prefeito, os prejuizos incalculaveis a uma firma que se julgou garantida com um contracto official?

Fo mais engraçado é que os dias passam

e o escandalo perdura e recebe o Rio de Janeiro carne não mais de um, mas de varios matadouros alheios do districto e o contrabando continúa a ser feito cynicamente, com a certeza de que nesta terra se pode sophismar impunemente as leis.

LIBERDADE DA IMPRENSA

O *Lavoura e Commercio* de Uberaba, publicou no dia 20 do corrente o seguinte edital:

«O cidadão major Manoel Terra, agente executivo municipal de Uberaba, em exercicio, na forma da lei, ect. Faz publico que se acha novamente em hasta publica e publicação do expediente do Camara municipal desta cidade, para o corrente exercicio de 1902; assim convida aos Srs. proprietarios dos jornaes locais, afim de apresentarem suas propostas em cartas fechadas, selladas e com o nome de uma pessoa idonea para seu fiador, sujeitando o proponente ás condições seguintes: 1º o concurente preferido se obrigará no contracto que lavrar — *a não admittir nas columnas editoriaes do periodico ou jornal em que se fizer a publicação, CENSURAS, ACCUSACÕES, OFFENSAS, quer directas, quer indirectas, de qualquer natureza que sejam e sob qualquer pretexto, á camara collectivamente ou qualquer de seus membros, ou a seus actos.* (o gripho é nosso); 2º Pela infracção de qualquer das clausulas do contracto será rescindido e o contractante incorrerá na multa de **300\$000**. Outrosim as propostas serão entregues nesta repartição até o dia 25 do mez, não excedendo de 800\$000 da verba orçamentaria, as referidas propostas. E, para reconhecimento de todos lavrou-se o presente edital, que será publicado pela imprensa local. Secretaria Municipal de Uberaba, 17 de Janeiro de 1902. Eu Alexandre José dos Santos, director da secretaria o escrevi.— Manoel Terra.»

Querem mais claro ponham-lhe agua. A isso chamamos nós uma imprensa livre e uma autoridade que sabe comprehender o executivo

NOTICIARIO

Já principiou a se manifestar em factos o esforço dos que promoveram no Brazil a criação da Liga contra a Tuberculose.

Foi inaugurado no coração da cidade, na rua Gonçalves Dias, o Dispensario da Liga para consultas gratuitas e propaganda de preceitos hygienicos no sentido de combater e prevenir a terrivel enfermidade.

O Sr. presidente da Republica compareceu a esta sollemnidade, que foi singela em sua enorme importancia.

E' o primeiro acto da *Liga* que todos devem proteger e amparar, para vencer ou pelo menos cercear a accção do mais terrivel flagello que assolla o mundo.

Felizmente os recursos tem vindo aos cofres da Liga expontaneos e valiosos. Esperamos que assim recrudesça o zelo por este dever e que muito breve possa a Liga continuar a sua obra meretissima inaugurando o seu primeiro sanatorio.

A Companhia Telephonica julgando que ficará oneradissima com o projecto da innovação do contracto resolveu regeital-o e neste sentido officiou ao conselho municipal.

Vê-se pois que a cousa, não convindo ao publico, não convinha tambem á companhia; juntou-se portanto a fome com a vontade de comer.

Ainda bem.

Resta agora resolver o caso dos telephones funcionarem sómente até ás 10 horas da noite, o que constitue um inconveniente enorme.

Os monarchistas estão deitando actividade no estado de São Paulo, fazendo conferencias, fundando jornaes, directorios e tratando de organizar a liga da mocidade monarchista.

Ha de ser uma cousa por ali alem.

Conta que uma empreza norte americana propõe se a fornecer formol aos chefes do movimento.

O mysterio do cambio...

Quem logrará percebê-lo. O patife durante a semana passada baixou.

Porque?! Que causas tem elle para baixar? Não se sabe isto nunca, quando muito são conhecidos pretextos imbecis, pro-

textos que não podem ter a pretensão de enganar ninguém. E o cambio baixa como se fosse esta a sua função normal, como se não tivesse nascido para outra cousa.

Tudo serviu para justificar essa baixa incompreensível.

A morte da Rainha Victoria fel-o descer, as probabilidades de ser ou não posto em liberdade o Sr. Otto Richard balançaram-no, a peste bubonica fal-o descer mais, a marcha da guerra Sul-Africana influe directamente no mercado da rua da Candelaria, a partida da esquadra franceza para a Tubisia agiu sobre o nosso cambio. A questão Chile-Argentina quasi arras-tou o cambio a 8. E quando não ha desses factos a especulação inventa boatos de revoltas e crises politicas para fazer o seu torpe negocio.

A noticia da nova e esplendida victoria de Santos Dumont trouxe-nos a lembrança o impagavel Severo, que ha poucos dias alcançou tambem uma victoria sobre a bôa fé do publico e a deshonestidade de um funcionario.

Chegou-nos pela Havas o telegramma de que S. S. havia feito uma experiencia com grande exito. Os que conhecem o Sr. Severo pasmaram, porque sabem que elle só é capaz de subir... a serra com inveja do Dumont.

Mas enfim o telegramma foi publicado e nós aguardamos os jornaes da Europa para ler a noticia mais circunstanciada. Chegam os jornaes e nada. O Sr. Severo não subiu e o telegramma foi feito inteirinho por S. S. para atirar poeira aos olhos dos outros.

E' boa. Chega a Paris e conta, com inaudita audacia, que fizera experiencias e ascensões no Brazil, sem se lembrar que a mentira é um peccado.

Agora manda contar para aqui que fez ascensões lá.

Já é ser forte.

Pois este homemsinho dos meus peccados não vê tudo isso pôde se descobrir deixando-o de cara... a banda, para não dizer outra cousa.

E' melhor deixar-se d'isso, não mais envergonhar o Brazil.

Quanto a concorrer com o Santos Dumont é outro sonho.

Ainda se se tratasse de um concurso de carapetões !...

A lei e as ordens sempre faram nesta santa terra cousa com que ninguém contou. Nem fallariamos mais em taes casos se o ultimo não tivesse especial sabor.

O Sr. chefe de policia annunciou por todos os jornaes que estavam prohibidas as bisnagas. Ninguém fez caso d'isso e todos as negociantes continuaram a vender d'esses objectos e toda a gente continua a comprar-os e a servir-se delles.

O mais curioso é que tambem o Sr. chefe de policia não fez caso do pouco caso em que foram tidas as suas ordens.

Ora francamente, se era para não ter resultado, era melhor que a ordem não fosse dada.

Dando-a e deixando que a não cumpram a autoridade desmorolisa-se.

Era melhor pensar antes e não ditar leis que não tinha meios praticos para fazer cumprir. Mas depois de publicada a prohibição é necessario absolutamente tor-nal-a efficaç.

Sob pena de...

THEATROS

Desta vez nada.

O *Deputado de Suius* deu algumas recitas no *Lucinda* e foi recolhido aos bastidores e ficando toda a semana o theatro ás moscas enquanto se ensaiava o *vaudeville Moins Cinq* traduzido por Arthur Azevedo com o titulo *Quasi*.

Para o Domingo foi annunciada matiné que não se realisou. Porque?

Mysterio.

O caso é que a companhia, que começou com tão bons auspicios e se não tem ganhado rios de dinheiro, tem feito ainda bastante para viver está assim com geitos de mambembe que só dá espectaculos aos sabbado e domingo.

O publico anda arredio. Com circunstancias assim ainda mais arredio ficarei.

Depois... queixam-se...

Bem faz o Dias Braga,

E', alli á preta, espectaculo todas as noites. Vaudevilles, comedias, revistas, dramas historicos, melos, peças fantasticas, tudo quanto a arte dramatica possui no genero e feitio.

Mas trabalha dia e noite e dá especta-

culos ininterruptos mantendo a attenção do publico sobre o seu theatro.

As vezes dá uma peça cada noite. Isto é prepara a durante o dia para o espectáculo.

E o publico lá vai.

Do *Quo Vadis* nem se falla para tão cedo.

Está definitivamente assentado que só depois do Carnaval será levado a scena o sienkiewesco drama. Porque nesta terra o Carnaval tem o inconveniente de cortar a carreira das peças.

* *

Tivemos pois no *Recreio* apenas o *Rocambole* que attrahiu enchente collossal e provocou applausos sem conta sustentando-se em scena uma semana inteira.

* *

Os cafés concertos pululam, variando de forma, tomando outros aspectos e fei-tios.

Agora já não temos apenas o Cassinò e a Guarda Velha. Tambem no Jardim do Passeio Publico bebe-se cerveja ao som de musica, mas a velha e tradicional banda dos allemães foi substituida por uma orchestra saltitante e cançonetistas brejeiras.

EMILIO FOGUETE.

NOSSA ESTANTE

Conforme a nosso promessa voltamos hoje a tratar do pequeno livro de versos do Sr. Cardoso de Oliveira *Dos Alpes-Flo-cos e Rimas*.

E' um trabalho merito fino e sentido de inspiração delicada e forma muito correcta.

Para dar uma ideia da lyra do Sr. Cardoso de Oliveira ahi transcrevemos um soneto.

Crepusculo na Suissa

(Ao Dr. Dario Galvão)

Arqueja o sol no occaso, esbrazeando
Os niveos cimos da candeia alpina,
Passam no ar lamentos da buzina;
Em baixo dorme o valle negrejando

O camponez o passo accelerando,
Enchada ao hombro, volve da campina,
O gado muge... A languidez domina.
A natureza inteira bocejando,

Cahir morta parece de canção.

Ha tristeza no céu; queixas no espaço;
Perfume de saudade a brisa encerra.

D'Ave Maria em côro á doce prece,
Num espasmo de luz que se evanece,
Segreda o dia o seu adeus á terra.

Berna — 23 — Junho — 1900.



O Carnaval no Rio de Janeiro. As famílias que aquecem biscoitos e outras coisas...